



Turistas ficcionais e imaginário turístico colonial em ‘Dois pequenos turistas na Argélia’ (1888)

Fictional tourists and colonial tourist imaginary in ‘Two little tourists in Argeria’ (1888)

Camila Dazzi¹

RESUMO: Os relatos turísticos ilustrados de viagem, ficcionais ou não, sobre os territórios colonizados pelos franceses no Norte da África na segunda metade do século XIX, difundiram, por meio de imagens e textos, estereótipos que definiram os seus habitantes como bárbaros, submissos e supersticiosos – dentre outros adjetivos depreciativos. Tais relatos colaboraram, igualmente, para a constituição de um imaginário extremamente positivo e falacioso sobre os colonizadores, neles representados como aventureiros e heróicos. Neste artigo, o objetivo foi apresentar uma breve análise dos personagens ficcionais do relato turístico ‘Dois pequenos turistas na Argélia’, de modo a evidenciar o processo acima descrito. Partindo da compreensão de que textos e imagens são discursos – tal como o conceito é pensado por Michel Foucault, foram utilizadas diferentes metodologias de pesquisa, como a análise iconográfica das imagens, sempre tendo em conta o contexto no qual foram produzidas, reproduzidas e recepcionadas. A análise empreendida conduziu à conclusão de que tais relatos funcionaram como canais que materializaram e, simultaneamente, serviram de substrato para

1 Doutorado em História e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Turismo e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bacharelado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora no Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro. E-mail: camila.dazzi@cefet-rj.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4381920068622016>

construção de imaginários turísticos marcados pela ideologia colonial.

Palavras-chave: Norte da Africa; Turistas Ficcionalis; Imaginários Turísticos; Relatos Turísticos Ilustrados.

ABSTRACT: Illustrated travel reports, whether fictional or not, about the territories colonized by the French in North Africa in the second half of the 19th century, through images and texts, spread stereotypes that defined their inhabitants as barbaric, submissive and superstitious, among other derogatory adjectives. Such reports also contributed to the creation of an extremely positive and misleading imagery about the colonizers, who were represented in these reports as adventurous and heroic. The aim of this article was to present a brief analysis of the fictional characters in the tourism report of 'Two Little Tourists in Algeria', in order to highlight the process described above. Based on the understanding that texts and images are discourses – as the concept thought by Michel Foucault, different research methodologies were used, such as the iconographic analysis of the images, always taking into account the context in which they were produced, reproduced and received. The analysis undertaken led to the conclusion that such stories functioned as channels that materialized and, simultaneously, served as a substrate for the construction of tourist imaginaries marked by colonial ideology.

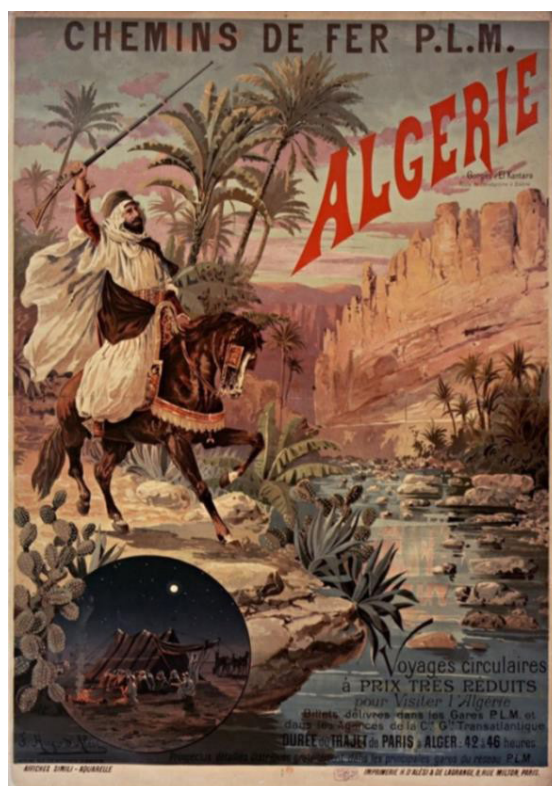
Keywords: North Africa; Fictional Tourists; Tourist Imaginaries; Illustrated Tourist Reports.

1. INTRODUÇÃO

O brutal processo de colonização do Norte da África pela França na segunda metade do século XIX, como é bem sabido, permitiu que o ‘mundo muçulmano’ fosse conhecido de perto por um número significativo de artistas, como Horace Vernet, Jean-Léon Gérôme e Eugène Delacroix. Suas pinturas, conhecidas na História da Arte como Orientalistas, motivaram os viajantes europeus a descobrirem um Oriente repleto de sensuais odaliscas e ferozes chefes tribais, contribuindo para a criação de um imaginário turístico romantizado do Oriente (Nochlin, 1983; Lewis, 2004).

A hipótese que guia a pesquisa é a de que, nesse sentido, não foram menos importantes as imagens e textos turísticos sobre territórios colonizados, como os suntuosos cartazes de companhias de navegação, os coloridos anúncios de estradas de ferro [Figura 1] e os relatos turísticos ilustrados de viagens escritas por viajantes sobre suas viagens ao Magreb. Considerando a premissa de que o imaginário turístico sobre o Norte da África surgiu em um contexto histórico de invasão e dominação, quando o território foi aberto ao turismo pelo governo colonial (Zytinicki, Kazdagli, 2017), optou-se especificamente pelos relatos turísticos ilustrados de viagem como material de análise

FIGURA 1 - FREDERIC H.D'ALESI: CAMINHOS DE FERRO P.M.L.1891, LITOGRAFIA COLORIDA.



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9009195x.item>

Cabe esclarecer que os relatos turísticos ilustrados de viagem são um tipo específico de relato de viagem, que se diferencia dos relatos de viagem escritos no século XIX por artistas, militares, cientistas e exploradores, uma vez que seus autores se entendiam como turistas e escreveram seus relatos de viagem para potenciais turistas (Carcreff, 2017; Pioffet, 2008; Sacareau, 2010). Acredita-se que tais relatos turísticos de viagem materializaram e contribuíram, simultaneamente, de forma nada inocente, para a construção de imaginários turísticos forjados pelos colonizadores, ou seja, de cunho racista, preconceituoso e exotizante.

Na pesquisa, foi possível identificar algumas características dos relatos turísticos ilustrados de viagem sobre o Norte da África, datados da segunda metade do século XIX. Eles geralmente são narrados na primeira pessoa, possuem um caráter profundamente pessoal, abrangendo inúmeras memórias, percepções e anedotas, tendo os turistas como protagonistas da narrativa. Os autores são sempre muito descritivos, oferecendo insights sobre seus interesses, especialmente ao revelar suas impressões sobre os lugares que visitaram. Em seus relatos de viagem, muitos autores fornecem instruções para potenciais viajantes sobre o que esperar e como se comportar nas terras exóticas que visitarão. Embora esses relatos de viagens tenham elementos ficcionais, eles são baseados nas experiências em primeira mão de pessoas reais. Dois exemplos são *L'Algérie contemporaine illustrée*, escrito pela baronesa Mary Elizabeth Herbert, em 1871², e *Un An à Alger, excursions et souvenirs*, publicado por M.-J. Baudel, em 1886 (Dazzi, 2022a; Dazzi, 2023).

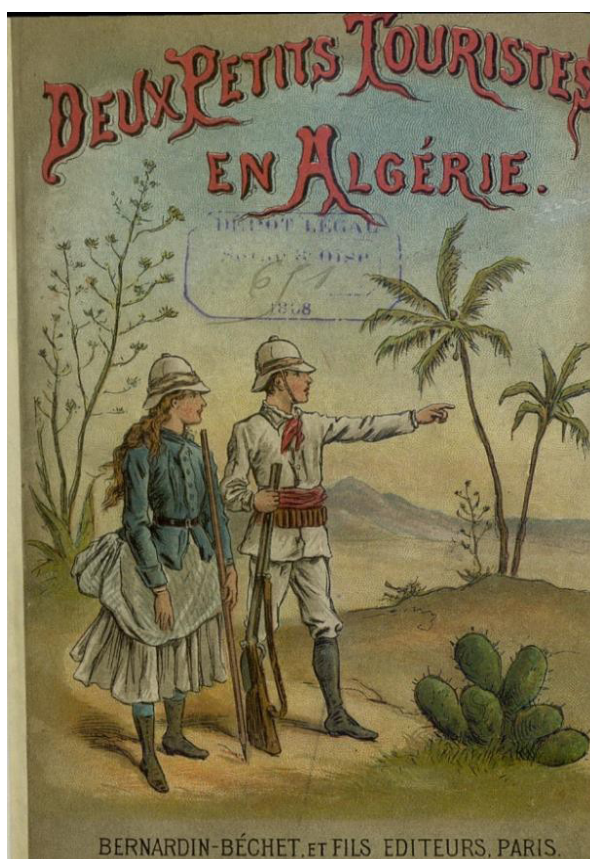
No entanto, existem alguns relatos turísticos de viagem ilustrados que se diferem, pois não apresentam narrativas reais, mas sim imaginadas. Em alguns deles, o narrador, onisciente, não é um dos personagens do relato de viagem, mas tem conhecimento detalhado sobre as aventuras e desventuras vividas pelos turistas inventados. Esses relatos de viagem, no entanto, têm várias das características daqueles escritos por viajantes reais, como a adoção de um discurso colonial baseado no racismo e o processo de exotização de pessoas e lugares. Eles também ajudaram a incutir em seus leitores o desejo de explorar os lugares neles mencionados e desempenharam um papel na formação de imaginários turísticos. Provavelmente o mais conhecido dos relatos de viagem ficcionais que se passam no Norte da África é o livro *Clovis Dardentor* (1896), de Júlio Verne, que conta a história de um grupo de turistas burgueses que visita a Argélia francesa, mais precisamente a cidade de Orão e sua província.

Alguns desses relatos de viagem ficcionais sobre turistas que visitaram o Magreb não são voltados para adultos, como é mais usual, mas para crianças e jovens. É o caso de livros como *Jean Casteyras: aventures de trois enfants en algérie* (1886), escrito por Adolphe Badin; *Deux petits touristes en Algérie* (1888), de Gaston Bonnefont e *Les vacances de Paul: voyage en Algérie* (1891), de autoria de Henri Germain. No entanto, tais relatos direcionados ao público infantojuvenil não são surpreendentes, uma vez que, no contexto francês de dominação do Norte da África, o turismo colonial era

2 O livro conta com uma edição inglesa, datada de 1871, e com uma edição francesa, publicada em Paris, em 1881.

anunciado como um “dever” dos cidadãos franceses, como uma forma de “contato privilegiado” com os “fatos” do colonialismo e reconhecimento da importância da presença francesa nos territórios ultramarinos (Furlough, 2002).

FIGURA 2 - CAPA DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: DEUX PETITS TOURISTES EN ALGÉRIE. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

O presente artigo discute as características dos turistas ficcionais do relato turístico ilustrado *Deux petits touristes en Algérie* (1888) [Figura 2], ou *Dois pequenos turistas na Argélia*, escrito pelo jornalista Gaston Bonnefont e ilustrado pelo desenhista Paul Kauffmann. Para um resultado exitoso da análise empreendida, foram utilizadas diferentes metodologias de pesquisa, incluindo as usuais entre os historiadores da arte, como a análise iconográfica das imagens, sempre tendo em conta o contexto no qual foram realizadas. Nesse sentido, serviram como guia os argumentos de Jonathan Harris, na sua *Introdução para o conceituado The New Art History* (2001). Para o autor, as obras de arte só se tornam significativas quando entendidas “dentro de toda uma sociedade de atividades, instituições e ideologias

presentes em um determinado momento histórico” e dentro do respectivo ambiente, seja ele o de produção, reprodução ou recepção (Harris, 2001, p. 167).

O argumento de Harris pode ser igualmente pensado para escritos de época – como é o livro analisado –, pois estes também estão emaranhados nos contextos sociais em que foram produzidos e consumidos. Desse modo, as imagens e os escritos de época são moldadas por sua presença espacial e temporal circundante. Tal contextualização requer uma investigação não apenas dos eventos históricos, mas também das conexões e relações multidirecionais entre esses eventos e as imagens e escritos. As imagens e textos presentes em *Dois pequenos turistas na Argélia* foram compreendidos, igualmente, como discursos. Ou seja, como representações culturalmente construídas que produziram, reforçaram e alimentaram relações de poder, tal como o conceito é apresentado por Michel Foucault em livros como *Arqueologia do Saber* (2012).

Antes de ser iniciada a descrição da análise empreendida, é crucial que dois tópicos abordados na Introdução sejam apresentados ao leitor. São eles: I. a relação entre Turismo e Imperialismo em territórios do Norte da África, II. a ligação entre imaginários turísticos e ideologia colonial.

2. TURISMO, IMPERIALISMO E COLONIALISMO

Assim como o turismo pode ser considerado uma “invenção social” do século XIX, – período em que surgiu uma indústria turística que incluía agências de viagens, guias, hotéis, itinerários etc. –, os espaços que ele ocupou podem ser vistos como uma “invenção social da Modernidade” (Gay, 2018, p. 3). Como Thérèse Saint-Julien (1985) aponta, “a multiplicação mundial de locais turísticos” ocorreu, no século XIX, por meio de um processo de “difusão espacial” dessa “inovação” (1985, p.24), que abrangeu territórios colonizados ao redor do mundo, desde aqueles mantidos por potências europeias desde o século XVI, como a Jamaica, até as colônias mais recentes no Norte da África.

Por meio da concentração espacial progressiva, novos destinos turísticos preencheram as lacunas que os locais turísticos mais antigos e estabelecidos não preencheram, como a busca pelo desconhecido (Ceriani et al, 2011). À medida que os impérios coloniais expandiram seus territórios e se fortaleceram, um tipo específico de turismo surgiu nas colônias e preencheu essa lacuna, atraindo pessoas em busca do exótico. Em Java, dominada pelos holandeses, na Índia sob o Raj britânico e na Indochina francesa, ferrovias, hotéis luxuosos, cassinos da moda e estações climáticas foram construídos para encantar membros da nobreza, da burguesia e da classe média – em outras palavras, dos turistas, como mencionado por Ferial Ben Mahmoud em *Le voyage en Orient* (2008).

O turismo ‘moderno’ e o imperialismo ‘andaram de mãos dadas’, pois, de acordo com Adel Manai (2020), o colonialismo desempenhou um papel vital no desenvolvimento do turismo em territórios dominados, assim como o turismo serviu aos propósitos dos colonizadores (Isnart, Mus-Jelidi, Zytnick, 2018). De acordo com Colette Zytinicki e Habib Kazdaghli em *Tourism in the Maghreb during the Colonial*

Period (2017), os líderes do Império francês se deram conta, em finais do século XIX, as vantagens do turismo, fossem econômicas ou simbólicas. Neste último caso, o turismo serviu como um amplificador significativo dos esforços imperiais, uma vitrine

[] da diligência francesa, uma propaganda útil das suas realizações, a demonstração da sua capacidade de salvaguardar e valorizar as riquezas históricas e naturais da França, mas também como meio de crescimento económico (tradução nossa).³

O objetivo era que os turistas conhecessem e recordassem as coisas positivas que a França realizava no Magrebe. Ellen Furlough observa, em *Une leçon des chooses: tourism, empire, and the nation* (2002), que o turismo colonial visava validar e afirmar o Estado-nação imperial francês e a ideologia colonial com uma intenção pedagógica. Nesse sentido, os filhos das elites — leitores de relatos turísticos ficcionais como *Dois pequenos turistas na Argélia* —, eram encorajados a gastar seus dividendos, enquanto os turistas, na Argélia, eram doutrinados a exaltar as conquistas do Império francês e ensinados a ver os mecanismos de dominação colonização como algo necessário e banal (Furlough, 2002).

Havia também interesses econômicos envolvidos. Da esfera política aos empresários locais, todos viam o turismo como o negócio do futuro, um novo setor que atraía investimentos, promovia melhorias de infraestrutura e estimulava o crescimento (Isnart, Mus-Jelidi, Zytnick, 2018). Membros da elite colonial da Argélia adquiriram terras à beira mar e desenvolveram estâncias balneares como Fort de l'Eau e Bouisseville. Empresas de transporte marítimo como a *Compagnie Générale Transatlantique* começaram a oferecer, na década de 1880, passagens de ida e volta para a Argélia para lucrar com a atividade turística (Zytnicki, 2016). O Império Francês facilitou e intensificou a circulação de viajantes pelo Magreb, tornando-o mais seguro devido à administração colonial e à presença de seu exército, que coibiram as ações de resistência local (Castro, 2017).

O turismo nas colônias francesas no Norte da África, portanto, foi uma “criação coletiva” que envolveu forças “econômicas e políticas” (Zytnicki, 2016, p.113), unidas não apenas por interesses financeiros, mas pela ambição de legitimar, fortalecer e propagandear a presença e ação francesa nesses territórios. Torna-se evidente, portanto, como Colette Zytnicki corretamente coloca em *Bienvenue en Algérie coloniale!* (2013a), que a atividade turística e o colonialismo foram ambos produtos do Imperialismo, pois ambos envolveram a “tomada de posse de um território e sua exploração”. A colonização, por um lado, “é uma dominação violenta que começa com uma conquista”, o turismo, por outro lado, é uma “apropriação simbólica de um país”. Mas em ambos os casos, há um “desejo de controlar, ou mesmo possuir, uma região do mundo.” (Zytnicki, 2013a, p. 3).

Pelas razões acima, a Argélia, a Tunísia e, não muito depois, o Marrocos, rapidamente se juntaram aos principais destinos turísticos dos europeus, nas últimas décadas do século XIX. Da costa do Mediterrâneo às Montanhas do Atlas e às fronteiras do Saara,

3 No original: de l' œuvre française, une utile propagande de ses réalisations, la démonstration de sa capacité à sauvegarder et à mettre en valeur les richesses historiques et naturelles de France, mais également comme un moyen de croissance économique. (Zytnicki, 2013b, p. 51)

dos sítios arqueológicos do Império Romano às antigas cidades berberes do Magreb, a rápida construção e estruturação de espaços turísticos foram notáveis (Sacareau, 2010). O turismo no Norte da África acabou se tornando uma “espécie de laboratório” onde “imagens, conceitos e estereótipos” foram desenvolvidos e disseminados nos países de origem dos viajantes (Amirou, 1995, p.209).

3. MAGINÁRIO TURÍSTICO E COLONIALISMO

Em sua obra de 1965, intitulada *The role of the consumer in image building*, Willian Reynolds argumenta que as percepções dos turistas sobre um lugar são moldadas por uma ampla gama de fontes de informação, incluindo livros, histórias contadas por amigos, filmes, folhetos de viagem, pôsteres e suas próprias experiências em primeira mão no destino. Essas fontes podem reforçar ou modificar as percepções que os turistas antes mesmo de chegarem ao destino. Maria Gravari-Barbas e Nelson Graburn, em *Imaginaires touristiques* (2012), corroboram essa percepção ao afirmarem que os imaginários turísticos se materializam e são construídos por meio de representações e símbolos associados a um determinado destino que permeiam o imaginário das pessoas. Tais representações e símbolos são compartilhados,

[] alimentadas por – ou associadas a – imagens materiais (postais, cartazes, blogs, filmes e vídeos, guias turísticos, brochuras, revistas de viagens, mas também artesanato e outros artefatos) e imagens imateriais (lendas, contos, histórias, discursos, anedotas, memórias). , etc.), trabalhados pela imaginação e partilhados socialmente pelos turistas e/ou pelos atores turísticos (ou mesmo, às vezes, por ambos, mesmo que o significado dado não seja o mesmo) (tradução nossa).⁴

Os imaginários turísticos são conjuntos representacionais transmitidos socialmente que interagem com a imaginação pessoal dos indivíduos e são usados para criar e modelar o mundo. Salazar, em *Envisioning Eden: mobilizing imaginaries in tourism and beyond* (2010, p. 21), reforça que os imaginários turísticos, compostos por “imagens e discursos sedutores sobre pessoas e lugares”, são tão importantes e proeminentes, que sem eles haveria muito pouco, ou mesmo nenhum, turismo. O autor acrescenta, em *Tourism Imaginaries* (2014), escrito em parceria com Graburn, que os imaginários turísticos, não diferentes de quaisquer outros imaginários, são imateriais e devem, portanto, ser estudados e analisados buscando compreender os canais pelos quais se materializam, incluindo

[] documentários e filmes de ficção; arte, exposições em museus e feiras; cartões comerciais, videogames e fotografias animadas, slides, vídeos e cartões postais; diários de viagem, blogs e outros sites: guias e brochuras turísticas; literatura,

4 No original: *alimentées par – ou associées à – des images matérielles (cartes postales, affiches, blogs, films et vidéos, guides touristiques, brochures, magazines de voyage, mais aussi objets artisanaux et autres artefacts) et immatérielles (légendes, contes, récits, discours, anecdotes, mémoires...), travaillées par l’imagination et socialement partagées par les touristes et/ou par les acteurs touristiques (voire, parfois, par les uns et par les autres, même si le sens donné n’est pas le même)* (Gravari-Barbas, Graburn, 2012, p. 17).

livros de mesa e revistas; cobertura noticiosa e publicidade; documentos oficiais; e meios de comunicação quase científicos, como a National Geographic. (tradução nossa)⁵

Da mesma forma, é possível a defesa de que os relatos dos próprios viajantes devem ser entendidos como canais, sejam eles materializados em publicações do século XIX ou em postagens no Instagram. Para Salazar e Grabun, ao transmitir narrativas para ‘o mundo exterior’, os próprios turistas influenciam como os imaginários turísticos sobre um lugar específico são construídos e como ele será percebido e vivenciado por futuros viajantes (Salazar, Graburn, 2014, p. 17). Os autores não estão sozinhos em suas conclusões. Igualmente John Tribe, no polêmico artigo *The truth about tourism* (2006), argumenta que sempre haverá uma linha tênue entre o que “realmente” emerge de um encontro turístico e as expectativas de alguém antes desse encontro, uma vez que o indivíduo carrega consigo uma imaginação preconcebida sobre o destino. O imaginado e o real, dessa forma, se entrelaçam e se misturam.

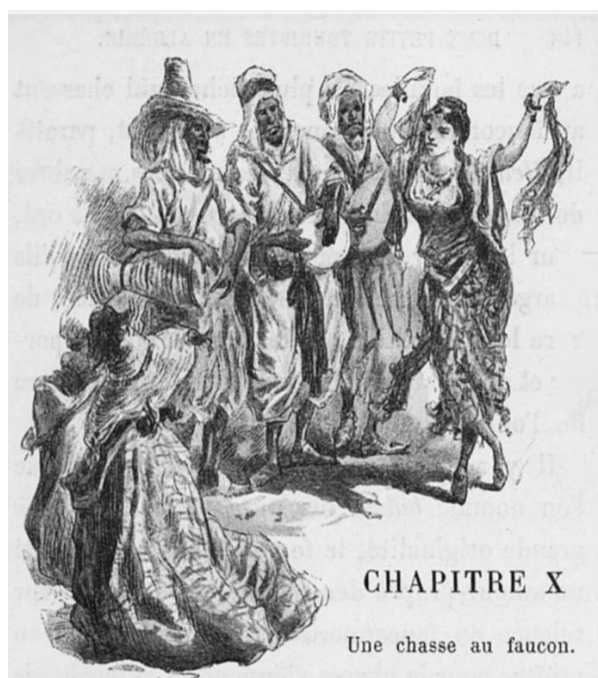
Dessa tensão entre o real e o imaginado, novas representações de um destino turístico podem emergir, tanto carregadas de elementos do passado, persistentes no imaginário sobre o lugar, quanto possuidoras de novas percepções. Afinal, a sociedade não permanece estagnada ao longo do tempo, ela muda continuamente e, portanto, a maneira como os turistas e a Indústria do Turismo veem certos comportamentos, paisagens e objetos de um destino também se modifica (Tribe, 2006). Como observa Gijs Cremers, no artigo *Paradise glossed: tourism imaginaries, alienation, and the construction of landscape* (2020): “no turismo, as ‘identidades’ dos destinos e seus habitantes são incessantemente (re)inventadas, (re)produzidas, (re)capturadas e (re)criadas” (Cremers, 2020, p.4).

No entanto, embora os imaginários turísticos passem por um processo de (re) construção contínua, é possível verificar neles a continuidade da ideologia colonizadora do século XIX. Os imaginários turísticos, mesmo que se atualizem, são constituídos por uma memória de longo prazo sobre um determinado lugar e seus habitantes (Durand, 1999), sendo formados a partir da “lenta sedimentação de imagens que em alguns casos se desenvolveram desde o início do desenvolvimento turístico do local” (Gravari-Barbas, Graburn, 2012, p. 15). Nesse sentido, mesmo que os discursos sobre certos destinos e seus habitantes se renovem, apresentando novas oportunidades para a compreensão desses espaços e pessoas, os imaginários previamente formados sobre eles continua existindo em nossas memórias – e muitos deles são tendenciosos. Os imaginários, dessa forma, podem se tornar obstáculos, verdadeiras vendas que impedem os turistas de apreender os lugares que escolhem como destinos de viagem a partir de uma perspectiva decolonial. Os imaginários turísticos, nessa perspectiva, propagam estereótipos historicamente herdados e baseados em mitos e fantasias que fazem parte do imaginário colonial.

5 documentaries and fiction movies; art, museum exhibitions, and fairs; trade cards, video games, and animation photographs, slides, video, and postcards; travelogues, blogs, and other websites: guidebooks and tourism brochures; literature, coffee-table books, and magazines; news coverage and advertising; official documents; and quasi-scientific media such as National Geographic. (Salazar, Graburn, 2014, p.7).

Em alguns casos, os discursos sobre o passado imperialista se configuram como um terreno fértil na contemporaneidade para sonhos nostálgicos e romantizados de turismo, como revelam Carol Henderson e Maxine Weisgrau, em *Raj rhapsodies: tourism, heritage and the seduction of history* (2016). As autoras observam como guias turísticos atuais sobre a Índia espelham notavelmente os relatos de viagem de turistas ingleses do século XIX, período no qual o país estava sob o domínio do Raj Britânico. Tais guias, dizem Henderson e Weisgrau, ecoam um imaginário colonialista sobre a Índia, “repleto de julgamentos morais sobre a superioridade da ‘civilização’ ocidental, misturados com os desejos evidentes em fantasias sobre romance, decadência, sensualidade, crueldade, sexo e o insondável.” (2016, p. xvii).

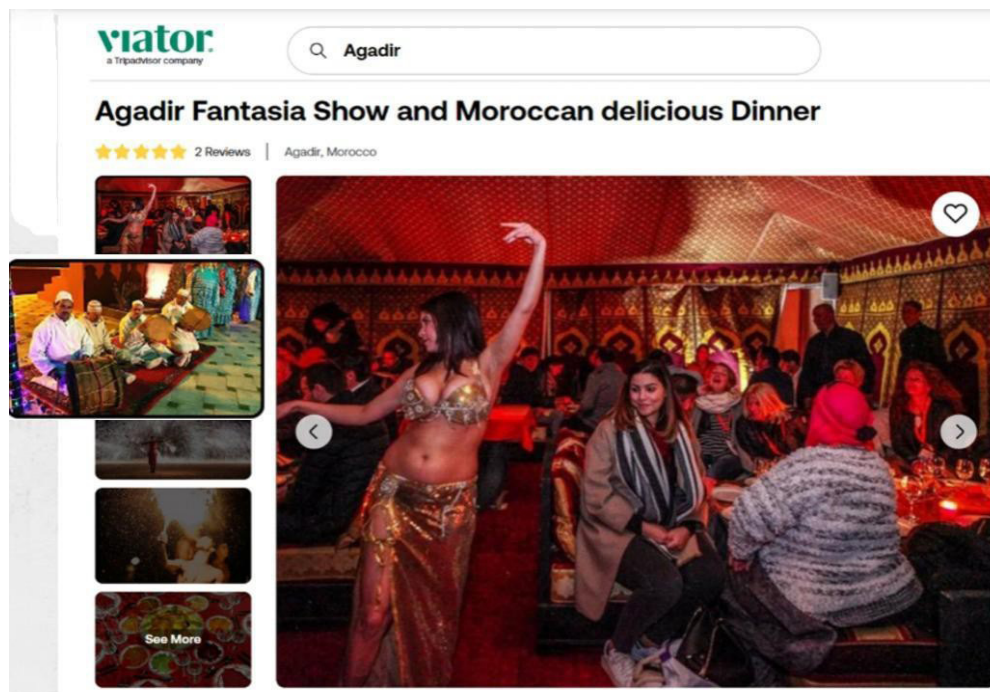
FIGURA 3 - REPRESENTAÇÃO DA DANÇA DO VENTRE NA INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO X DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: *DEUX PETITS TOURISTES EN ALGÉRIE*. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888.



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

Da mesma forma, grande parte da publicidade turística atual sobre o Norte da África usa narrativas orientalistas e imagens fantásticas, que determinam como as atrações são apresentadas aos turistas e, portanto, como devem ser vivenciadas. Devido à reverberação do imaginário colonialista, persiste a imagem de um território cuja cultura é imutável, um lugar cheio de antigas mesquitas, paisagens desérticas, camelos adornados, cafés mouros, hammams e belas e exóticas mulheres (Dazzi, 2022b) – como busca demonstrar a comparação da Figura 3, uma fotografia da plataforma Viator, promovendo Aghâdir como um destino turístico, e a Figura 4, presente na p.147 do relato turístico ficcional *Dois pequenos turistas na Argélia* (1888). Dessa forma, o imaginário turístico sobre o Magreb se alimenta do imaginário colonialista do século XIX, ao mesmo tempo em que ajuda a reformulá-lo.

FIGURA 4 - CONTINUIDADES DO IMAGINÁRIO TURÍSTICO COLONIAL – “ENJOY AGADIR BERBÈRE NIGHT SHOW FANTASIA DINNER & SPECTACLES”.



FONTE: <https://www.viator.com/tours/Agadir/Agadir-Fantasia-show-and-dinner/d4383-163063P7>

A pesquisa argumenta que os relatos turísticos ilustrados de viagens do século XIX sobre os territórios colonizados do Norte da África, ficcionais ou não, desempenharam um papel fundamental na formação do imaginário ocidental sobre o Magreb. Esses relatos de viagens foram relevantes no processo de construção e perpetuação de estereótipos e clichês ideológicos, políticos e socioculturais sobre a região, muitos dos quais continuam a influenciar a imaginação turística sobre o território ainda hoje.

4. DOIS PEQUENOS TURISTAS NA ARGÉLIA COLONIZADA

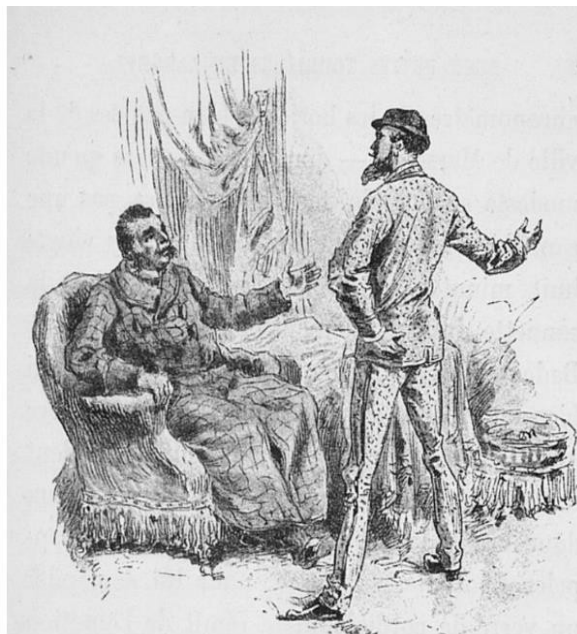
O relato de viagem ficcional *Dois pequenos turistas na Argélia* começa em abril de 1886, na cidade de Marselha, no litoral da França, um dos principais portos de embarcações com destino ao Norte da África. A cena que dá início ao livro se passa na sala de estar da bela mansão do rico burguês César Badourot, viúvo, ex-comerciante de café e pai das duas crianças que dão nome ao livro: Cornélie, uma menina de onze anos, e Numa, seu irmão de doze anos.

O diálogo de abertura do primeiro capítulo, intitulado “Onde o leitor conhece a família Badourot”, ocorre entre César, seu irmão Marius e as duas crianças. Marius está partindo para a Argélia e decide levar seus dois sobrinhos com ele, com a intenção

de “mostrar-lhes o país, diverti-los e educá-los ao mesmo tempo” (Bonnefont, 1888, p.7). O pai das duas crianças é convidado a se juntar ao grupo na viagem, mas nega o convite com as seguintes palavras: “Ir com vocês! Eu! Nunca! Deixar a minha casa desnecessariamente, pelo prazer de ver homens negros vestidos de branco, seria estúpido. Prefiro ficar em Marselha, entre homens brancos vestidos de preto.” (Bonnefont, 1888, p.8). Ele inicialmente se opõe à ida das crianças para a Argélia, mas persuadido por seu irmão de que a viagem é relevante e comovido pelo entusiasmo de Cornélie e Numa, ele acaba cedendo. O primeiro capítulo termina com os dois pequenos turistas, tio Marius e os dois criados franceses da família, Jean e Léocadie, indo para o porto de Marselha para embarcar para Argel.

O livro contém muitos elementos que poderiam ser analisados, como os diálogos cheios de preconceitos e a estereotipização dos argelinos. No entanto, no foco será as principais características dos turistas imaginários do relato de viagem. Apesar do título *Dois pequenos turistas na Argélia*, o personagem principal é certamente o tio Marius, um engenheiro da *Compagnie Marseillaise*, explorador das ricas minas de cobre de Biban e um caçador de leões em seu tempo livre. Cornélie e Numa têm “uma verdadeira paixão pelo tio” (Bonnefont, 1888, p.4), que é apresentado como um gentleman aventureiro, inteligente, esportivo e erudito.

FIGURA 5 - CONHECENDO A FAMÍLIA BADOUROT. ILUSTRAÇÃO DA P.1 DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: *DEUX PETITS TOURISTES EM ALGÉRIE*. PARIS, BERNARDIN- BÉCHET, 1888.

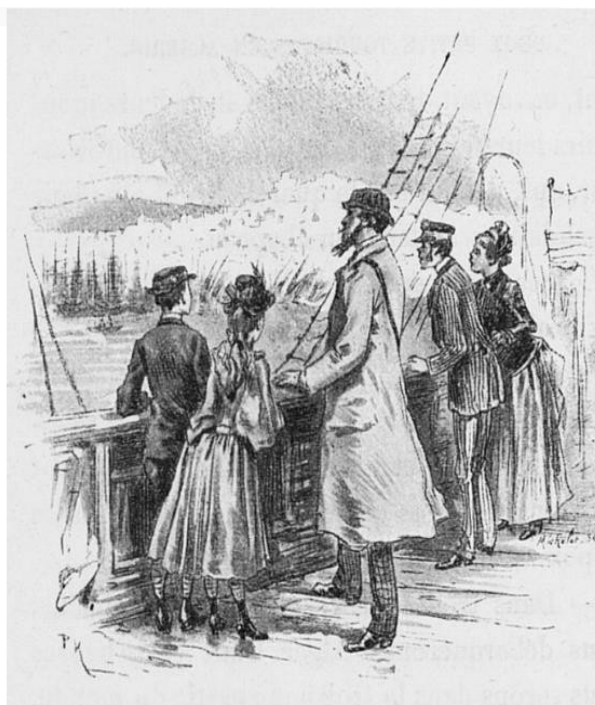


FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

O perfil do tio Marius também é construído por meio de imagens que o representam

como um homem viril, confiante e imponente. O contraste na aparência de César e seu irmão é notável na primeira imagem do relato turístico de viagem [Figura 5], que ilustra o momento em que o tio Marius anuncia que levará as crianças para visitar a Argélia. Na foto, César, sentado confortavelmente em um sofá, vestindo pijamas que enfatizam sua barriga protuberante. De frente para ele, Marius está vestido com um terno que lembra a pele de uma onça e que exhibe a sua musculatura bem definida. Sua pose remete a do Superman: pernas ligeiramente afastadas, mãos nos quadris, peito estufado e cabeça erguida.

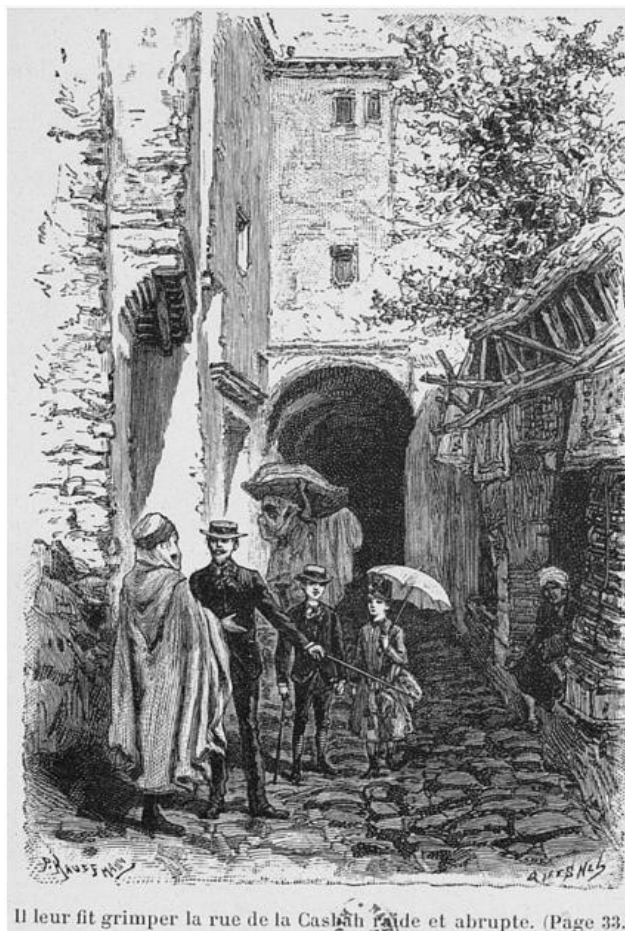
FIGURA 6 - A BORDO DO NAVIO ANTIGONE. ILUSTRAÇÃO DA P.19 DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: DEUX PETITS TOURISTES EM ALGÉRIE. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888.



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

Na segunda imagem, a bordo do navio Antigone [Figura 6], tio Marius se distingue dos demais passageiros, que, deslumbrados com a vista da cidade de Argel, inclinam o corpo para a frente e exibem uma expressão de espanto nos rostos. Marius, por sua vez, com sua alta estatura, seu longo casaco e sua barba pontuda, mantém o corpo ereto, permanecendo impassível enquanto olha ao longe, sem se deixar impressionar. Tio Marius é a personificação do herói colonizador, tão bem analisado por Albert Memmi (1977), em *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, publicado pela primeira vez em 1957.

FIGURA 7 - ELE OS FEZ SUBIR AS RUAS SINUOSAS E AFIADAS DA CASBAH. ILUSTRAÇÃO DO FRONTISPÍCIO DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: DEUX PETITS TOURISTES EM ALGÉRIE. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888.



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

Se tio Marius representa o personagem que conhece a realidade da Argélia – ou, melhor dizendo, conhece a realidade da Argélia como colonizador –, as duas crianças, Cornélie e Numa, têm o olhar curioso e deslumbrado dos turistas que apreciam cada detalhe de sua pitoresca viagem, e aos poucos vão desvendando os hábitos e costumes do Oriente. Essa característica é perceptível nas cartas que as duas crianças escrevem para o pai, transcorrida quase metade da viagem. Em sua carta, Numa relata que: “Nada é mais interessante do que a vida que levamos [...] os incidentes se sucedem, numerosos e constantemente diferentes, fornecendo amplo alimento para a curiosidade e a emoção. É muito engraçado e muito divertido.” (Bonnefont, 1888, p.107). Por sua vez, Cornélie descreveu: “as paisagens pitorescas que ela havia atravessado, o céu azul e transparente, a vegetação poderosa e grandiosa” (Bonnefont, 1888, p.108).

FIGURA 8 - ELE ATACOU UM DELES E CORTOU SUA ORELHA COM UM GOLPE DE UNHA, ILUSTRAÇÃO DA P. 157 DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: DEUX PETITS TOURISTES EM ALGÉRIE. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888.



FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

Os dois jovens turistas são, igualmente, retratados como crianças mimadas, acostumadas a uma vida de luxo e não preparadas fisicamente para os desafios que enfrentam na viagem. Isso é mostrado em trechos e ilustrações, como aqueles que descrevem uma visita à antiga vila moura de Argel, onde as crianças devem “subir a rua da Casbah, íngreme e abrupta como um caminho escavado na rocha, e cujas pedras afiadas são um castigo para os pés dos infiéis que se aventuram ali.” [Figura 8] (Bonfont, 1888, p.33). Durante o passeio, Numa, sentindo-se desconfortável com o esforço, exclama: “Realmente, tio, é necessário ter pernas fortes para subir ladeiras como estas sem cair.” Ao que Cornélie acrescenta: “E sapatos que não sejam menos resistentes, para não ficarem presos na estrada.” Tio Marius, cansado de suas queixas, ralha com eles: “Pequenos sibaritas! Mostrem um pouco de coragem!” (Bonfont, 1888, p.33). No entanto, ao longo dos dias que passam em Argel, as duas crianças tornam-se cada vez mais fortes

e revigoradas. Na ilustração que marca a partida de Argel em direção a cidade de Blida, Numa e Cornélie são representados cavalgando cavalos imponentes, portando rifles e não demonstrando qualquer medo. Essa representação da coragem e do espírito aventureiro que é despertado nas duas crianças ao longo da viagem também aparece na ilustração que retrata uma caçada com falcões [Figura 8]. Nela, os dois pequenos turistas, ao lado do tio Marius, e ladeados por membros de uma caravana berbere, portam rifles e acompanham a cena de um falcão perseguindo uma lebre do deserto. Cornélie e Numa são os dois personagens com os quais os jovens leitores do relato de viagem ficcional podem se identificar e nos quais aspiram se transformar. A mensagem do livro é clara: uma viagem à Argélia colonizada (selvagem, mas dominada) pode transformar crianças mimadas, fracas e despreparadas em cidadãos franceses fortes e corajosos.

Jean e Léocadie, os dois servos franceses responsáveis por cuidar das necessidades das duas crianças e do tio Marius, não são personagens secundários no relato de viagem. Eles fornecem um contraste com a intrepidez de tio Marius e a curiosidade e adaptabilidade das duas crianças. Suas atitudes são sempre temerosas em relação aos “nativos incivilizados” e aos animais selvagens da Argélia, e eles sofrem mais do que seus empregadores devido aos esforços físicos exigidos pela longa viagem a cavalo e os pernoites em tendas. Os comentários de Jean e Léocadie sobre os argelinos são consistentemente preconceituosos, em contraste com os de tio Marius, que, embora afirmem sua superioridade, mantêm um respeito condescendente pelos habitantes locais.

Léocadie é a personagem que, por meio de seus lamentos e reclamações hilários, é usada pelo autor para quebrar a seriedade da narrativa. As ilustrações que a representam possuem, igualmente, uma dimensão cômica. Há, por exemplo, uma que mostra o momento em que ela, cansada do tormento do sol e “querendo preservar o frescor natural de sua pele” (Bonfont, 1888, p.194), compra um enorme guarda-chuva vermelho de algodão. Na imagem, vemos todo o grupo, composto pelos dois pequenos turistas, tio Marius e o criado Jean rindo do inusitado acessório de viagem de Léocadie [Figura 9].

FIGURA 9 - LÉOCADIE SE PRESENTEOU COM UM ACESSÓRIO DE VIAGEM QUE DESPERTOU A HILARIDADE DE SEUS COMPANHEIROS. ILUSTRAÇÃO DA P. 194 DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: DEUX PETITS TOURISTES EM ALGÉRIE. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888.



Léocadie se présente munie d'un accessoire de voyage qui excite l'hilarité de ses compagnons. (Page 194.)

FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

Mas são, acima de tudo, os comentários preconceituosos da criada francesa que o autor utiliza para provocar risos em seus leitores oitocentistas. Léocadie se ofende com o estado supostamente bárbaro dos argelinos, refere-se ao povo autóctone como primitivo, menospreza abertamente os hábitos e costumes locais e tem um pequeno colapso nervoso ao encontrar, no meio do deserto, com o que ela descreve como sendo “uma tribo de nativos selvagens com pele negra, tão ferozes quanto animais e provavelmente canibais.” (Bonfont, 1888, p.110). Léocadie é retratada como uma pessoa interiorana, de bom coração e sem malícia, de modo que os seus comentários racialmente insensíveis sobre os argelinos devem ter sido percebidos como inofensivos e até mesmo divertidos pelos leitores franceses no final do século XIX. O tom cômico e ligeiramente burlesco em Dois pequenos turistas na Argélia serve tanto para perpetuar quanto para banalizar estereótipos que foram empregados para apoiar e justificar a missão ‘civilizatória’ da França na Argélia.

Finalmente, há os personagens argelinos na história, que desempenham um papel secundário e quase não possuem falas ao longo do livro. O único personagem que contribui significativamente para o enredo é Kaddour-ben- Moussa, o guia local dos viajantes franceses. Ele é retratado como “um homem de cerca de quarenta anos, alto e visivelmente dotado de vigor incomum [...] vestido com trajes tradicionais e portando um colar no pescoço, ao qual atribuiu a virtude de proteger contra o mau-olhado, a doença e a morte” (Bonnefont, 1888, p.30).

Em uma ocasião, quando o grupo está viajando pela estrada que conduz à cidade de Aumale, a atenção de Kaddour é atraída para dois corvos voando a sua direita, o que o faz soltar uma exclamação de alegria. Léocadie, atônita, indaga sobre o ocorrido, ao que ele responde se tratar de um bom agouro para a jornada. “Você acredita em presságios como esses?” ela questiona, ao que o guia responde: “Absolutamente. Sempre que vamos caçar, avistar um haouma indica uma caçada bem-sucedida; encontrar corvos do nosso lado esquerdo geralmente significa que teremos um acidente ou voltaremos sem nenhuma caça” (Bonnefont, 1888, p.54). Kaddour é apresentado ao leitor como um homem cheio de crenças, envolto em talismãs e amuletos. Ele incorpora o estereótipo do oriental profundamente enraizado em práticas, crenças e superstições arcaicas, em oposição ao ocidental, racional e civilizado, que traz progresso aos territórios colonizados.

FIGURA 10 - ELE APONTA A SUA LANTERNA EM TODAS AS DIREÇÕES. ILUSTRAÇÃO DA P. 98 DO LIVRO DE GASTON BONNEFONT: DEUX PETITS TOURISTES EN ALGÉRIE. PARIS, BERNARDIN-BÉCHET, 1888.



Il promena sa lanterne dans tous les sens. (Page 98.)

FONTE: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>

Kaddour aparece como um personagem de ‘fundo’ em algumas das poucas ilustrações em que é retratado, sempre posicionado atrás dos viajantes franceses. Apenas duas ilustrações, no capítulo dedicado à curta expedição de tio Marius a uma caverna, com a finalidade de encontrar cobre para a Compagnie Marseillaise, apresentam o guia argelino com destaque. Em uma delas, o guia aparece no topo de uma elevação, sustentando a corda que tio Marius utiliza para escalar até a entrada da caverna. Na outra, o argelino, portando uma longa espingarda moukhala, guarda as costas de tio Marius e de Numa [Figura 9]. A função do guia na narrativa é servir e defender os seus mestres, um retrato perfeito do servo leal. Kaddour simboliza o ‘bom’ colonizado, aquele que aceita o sistema de bom grado e reconhece sua posição na ordem colonial, uma representação recorrente nos discursos verbais, textuais e visuais produzidos pelos colonizadores franceses no século XIX (Memmi, 1977, p.93).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nota final, cabe ressaltar que embora haja outros aspectos importantes a serem contemplados em *Dois pequenos turistas na Argélia*, a análise aqui depreendida buscou explicitar a dimensão ideológica contida no relato turístico ficcional. Como defendeu Linda Nochlin, em *The Imaginary Orient* (1983), ao serem analisadas as produções artísticas do século XIX sobre os territórios colonizados, é necessário sempre ponderar sobre os problemas sociais e morais nelas encapsulados. Somente essa abordagem crítica possibilita compreender, com plenitude, como o imaginário oitocentista sobre o Norte da África, determinado pelo discurso colonial, foi gradualmente construído e apresentado ao Ocidente e o modo como ele repercute até os dias de hoje, em visões estereotipadas e negativas sobre o território e seus habitantes.

É válido presumir que apesar das suas limitações, o pouco apresentado no presente artigo é o suficiente para demonstrar que os relatos turísticos ilustrados de viagens sobre os territórios colonizados no Norte da África, ficcionais ou não, estavam longe de ser inocentes. Eles faziam parte da engrenagem muito bem oleada do sistema de dominação colonial. As ilustrações e textos neles presentes, tão cativantes e sedutoras, não encorajavam nenhum pensamento crítico por parte de seus leitores e ocultavam a retórica racista dos colonizadores e a consequente desumanização dos colonizados.

E ainda que a atual pesquisa sobre os relatos de viagem turísticos do século XIX sobre o Magreb não se expanda a ponto de provar que o imaginário turístico colonial persiste até os dias atuais, defende-se que ele “foi incessantemente “(re) inventado, (re)produzido” e (re)significado (Cremers, 2020, p.4). Por fim, preconiza-se que este estudo contribui para a detecção de uma “doença”, degradante e contínua, parafraseando Aimé Césaire (2020), cujo tratamento efetivo, consistindo em estratégias de descolonização do imaginário turístico sobre o Norte da África, caberá a estudos subsequentes descobrir.

REFERÊNCIAS

- AMIROU, R. **Imaginaire touristique et sociabilités du voyage**. Paris: PUF, 1995.
- BADIN, A. **Jean Casteyras: aventures de trois enfants en Algérie**. Paris: J. Hetzel, 1886. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9634187m>>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- BAUDEL, J.-M. **Un An à Alger, excursions et souvenirs**. Paris: C. Delagrave, 1887. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5788669f>>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- D’ALESI, F. H. **Chemins de Fer P.L.M., Algérie**, 1891. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9009195x.item>>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- BEN MAHMOUD, F. **Le Voyage en Orient: de l’âge d’or à l’avènement du tourisme, 1850-1930**. Paris: Editions Place Des Victoires, 2008
- BONNEFONT, G. **Deux Petits Touristes en Algérie**. Paris: Bernardin-Béchet et fils, 1888. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k61363947>>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- CARCREFF, A. O. **Au pays des vendeurs de vent: Voyager en Laponie et en Finlande. xve - xixe siècle**. Provence: Presses universitaires de Provence, 2017.
- CERIANI, G.; COËFFE, V.; DUHAMEL, P.; GAUGUE, A. **Tourismes 3 - La révolution durable**. Paris: MITTeam, 2011.
- CASTRO, M. J. Tourism and Empire: an invitation to colonial travel. **Quintana: revista del Departamento de Historia del Arte**, n. 16, p. 225-238, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/653/65357672012.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- CREMERS, G. Paradise glossed: tourism imaginaries, alienation, and the construction of landscape in Santa Cruz la Laguna, Guatemala. **Journal of Tourism and Cultural Change**, v.18, n.6, p.611-628, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14766825.2020.1752222>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- DAZZI, C. Exotização e Hostilidade Em “Um Ano Na Argélia, Excursões e Souvenirs” (1887). **Dos Algarves: Tourism, Hospitality & Management Journal**, n. 43, 2023, p. 86-101. Disponível em: <https://www.dosalgarves.com/index.php/dosalgarves/article/view/351>. Acesso em: 6 ago. 2024.

DAZZI, C. Patrimônio cultural e imaginário turístico - L'Algérie contemporaine illustrée (1881) de Mary Elizabeth Herbert. **Caderno Virtual de Turismo**, v.22, n.2, 2022a, pp. 69-79. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/2005/795> Acesso em: 6 ago. 2024.

DAZZI, C. O imaginário sobre a mulher oriental: da arte orientalista às propagandas turísticas contemporâneas, **Visualidades**, 20, 2022b, pp.1-31. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/v.v20.70905>. Acesso em: 6 ago. 2024.

DURAND, G. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Fourense Universitária, 2012.

FURLOUGH, E. Une leçon des choses: Tourism, Empire, and the Nation in Interwar France. **French Historical Studies**, v.25, n.3, p. 441-473, 2002. Disponível em: < <https://read.dukeupress.edu/french-historical-studies/article-abstract/25/3/441/9387/Une-lec-on-des-choses-Tourism-Empire-and-the>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GAY, J.-C. The logics of tourism expansion throughout the world: A geohistorical approach. **Espace Géographique**, v. 47, n.2, 2018, p.102-120. Disponível em: <https://www.cairn-int.info/article-E_EG_472_0102--the-logics-of-tourism-expansion.htm>. Acesso em: 1 jun. 2024.

GERMAIN, H. **Les vacances de Paul: voyage en Algérie**. Paris: H. Lecène et H. Oudin, 1891. Available at: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k69164w/f174.item> Acesso em: 6 ago. 2024.

GRAVARI-BARBAS, M.; GRABURN, N. Imaginaires touristiques. **Via - Tourism Review**, n.1, p.1-34, n.p., 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/viatourism/1178>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

HARRIS, J. **The New Art History**: A Critical Introduction. London, New York: Routledge, 2001.

HERBERT, M. E. **L'Algérie Contemporaine illustrée**. Paris: Victor Galmé, 1881. Disponível em: <gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5823771w>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ISNART, C.; MUS-JELIDI, C.; ZYTNICKI, C. (dir.). **Fabrique du tourisme et expériences patrimoniales au Maghreb, XIXe-XXIe siècles**. Rabat: Centre Jacques-Berque, 2018.

LEWIS, R. Rethinking orientalism - women, travel and the ottoman harem. Lon- don: I.B. Tauris & Co Ltd, 2004.

MANAI, A. North Africa in the tourist guidebooks of the 19th and early 20th centuries. **Mediterranean Journal Of Social Sciences**, v. 11, n. 3, n.p., 2020. Disponível em: <<https://www.richtmann.org/journal/index.php/mjss/article/view/11830>>. Acesso em: 1 jun. 2024.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

NOCHLIN, L. The Imaginary Orient. **Art in America**, v.71, n.5, p. 119-131, 187, 189,1983. Disponível em: <https://aestheticapperceptions.files.wordpress.com/2013/01/nochlin_imaginary_orient.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PIOFFET, M.-C. Présentation. PIOFFET, Marie-Christine (dir.). **Écrire des récits de voyage**. Esquisse d'une poétique en gestation. Québec: Presses de l'Université Laval, 2008.

REYNOLDS, W. The role of the consumer in image building. **California Management Review**, v.7, n.3, p. 69-76, 1965. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.2307/41165634>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SACAREAU, I. Commentaires sur Le Tourisme dans L'empire Français. Politiques, pratiques et imaginaires (XIXE - XXE Siecle). **Mondes du Tourisme**, v.1, p.89-90, 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/tourisme/342>>. Acesso em: 1 jun. 2024.

SAINT-JULIEN, T. **La diffusion spatiale des innovations**. Montpellier: GIP RECLUS, 1985.

SALAZAR, N. Envisioning Eden: Mobilizing Imaginaries in Tourism and Beyond. Oxford: Berghahn Books, 2010.

SALAZAR, N. Tourism Imaginaries: a Conceptual Approach. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 2, p. 863-882, 2011. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738311001642>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SALAZAR, N., GRABURN, N. **Tourism Imaginaries: Anthropological Approaches**. Oxford: Berghahn Books, 2014.

TRIBE, J. The truth about tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n.2, p. 360-381, 2006. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/>>

pii/S0160738305001659>. Acesso em: 15 ago. 2024.

VERNE, J. **Clovis Dardentor**. Paris: J. Hetzel et Cie, 1896. Available at: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6524626h/f17>. Acesso em: 6 ago. 2024.

VIATOR. **Enjoy Agadir Berbère Night show Fantasia dinner & spectacles**. Disponível em: <<https://www.viator.com/tours/Agadir/Agadir-Fantasia-show-and-dinner/d4383-163063P7>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

WEISGRAU, M.; HENDERSON, C. **Raj Rhapsodies: Tourism, Heritage and the Seduction of History**. Londres: Routledge, 2016.

ZYTNICKI, C. Bienvenue en Algérie coloniale!. **L'Histoire**, n. 387, mai 2013a. Disponível em: <<https://www.lhistoire.fr/bienvenue-en-alg%C3%A9rie-coloniale>>. Acesso em: 1 jun. 2024.

ZYTNICKI, C. Faire l'Algérie agréable. Tourisme et colonisation en Algérie des années 1870 à 1962. **Le Mouvement Social**, v.1, n.242, pp. 97-114, 2013b. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social1-2013-1-page-97.htm?ref=doi>>. Acesso em: 1 jun. 2024.

ZYTNICKI, C. **L'Algérie, Terre de Tourisme**. Paris: Vendemiaire, 2016.

ZYTNICKI, C.; KAZDAGHLI, H. Tourism in the Maghreb during the Colonial Period: a Serious Historical Subject? **Mondes Sociaux - Magazine Academique de Sciences Humaines et Sociales**, fev. 2017. Disponível em: <https://sms.hypotheses.org/8998>. Acesso em: 1 jun. 2024.

TS